

*As furadoras e a pretendida: emigração
brasileira não documentada para os Estados Unidos
da América*

Emerson César de Campos
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA

ABSTRACT

The article deals with transnational migrations at the Present Time. The author has employed analytically the category of “border” in his field research undertaken, from 2000 to 2004, in Brazil, USA and Mexico. As a result, a historical narrative with dramatic overtones unfolds against the background of Mexican-US border crossing. However, the undocumented immigration of Brazilians through the Mexican border into the USA has declined sharply due latter country economic crisis in 2008. Yet in this article, we seek to study thoroughly the period prior to the US economic downturn aiming to understand the current trends of Brazilian migration in the US through the Mexican border. Lastly, the results for the period selected were achieved through interviews, writing sources and a carefully selected bibliography.

Key words: emigration; frontier; transnationalism; cultural translation; narrative.

O artigo aborda os fluxos transnacionais no Tempo Presente, a partir da categoria de Fronteira, narrando uma dramática história experimentada na divisa do México com os Estados Unidos entre os anos de 2000 e 2004. A emigração não documentada através da citada fronteira foi reduzida significativamente nos últimos dez anos, sobretudo desde a crise econômica de 2008, sendo cada vez menor o número de brasileiros usando essa via de entrada. Elucidamos aqui um momento imediatamente anterior a essa redução, que sob todas as formas produziu a atual realidade (2015) na experiência migracional brasileira para os Estados Unidos. Os resultados indicados referem-se ao período citado; tiveram por fontes: entrevistas e escritos, seguidas de criteriosa revisão bibliográfica.

Palavras-chave: emigração; fronteira; transnacionalismo; tradução cultural; narrativa.

América

Em busca de oportunidades, fui parar em outro país. Ganhei algum dinheiro mas não fui feliz. Tive algumas quedas, vi os dois lados da moeda.

Um sopro do destino fez o vento me levar. América, sonhos na cabeça e os pés no chão. América, é como um frio na alma, sem paz no coração. América, é como matar a sede com a água do mar.

Tantos sonhos pra sonhar, só dormir e trabalhar, quase não dá tempo de chorar. Saudade de quem ficou, de quem voltou.

Introduzindo o tema e suas tensões

A epígrafe aponta elementos de uma experiência a cada dia mais viva para uma parcela da população brasileira. Trata-se da letra de uma música intitulada *América*. Embora não tenha integrado a trilha sonora da telenovela de 2005, homônima ao título da música e de muito sucesso no Brasil àquela época, relata, em aspectos distintos, resultados das forças migratórias produzidas por brasileiros nos Estados Unidos. A composição é de João e Alfredo¹, dois jovens irmãos que trabalham há vinte anos nos Estados Unidos, ambos sem documentação. *América* nos permite vislumbrar um pouco das ações vividas de quem se lança na (des)aventura “em busca de oportunidades, ir parar em outro país”.

Há, por certo, um movimento intenso de mercadorias e pessoas que tomaram maior fôlego desde as últimas três décadas do século XX. Os contatos culturais e os embates por eles provocados (e provocam) são complexos e carregados de tensões. A ideia deste artigo é, de alguma forma, mostrar (partindo de uma narrativa histórica ambientada em estudos contemporâneos) a sagaz e arriscada atividade de “furar”, de modo clandestino, a fronteira norte-americana com o México. Para uma elucidação mais adequada de tal estratégia, e além da ação musical de João e Alfredo, aproveitando-a como referência desta

¹ Os nomes foram trocados a pedido dos autores da letra da música. Atualmente (2013), João e Alfredo, de 32 e 35 anos, respectivamente, junto com outros três brasileiros nos Estados Unidos, formam a Band@.com, uma banda de rock que realiza shows e bailes para a comunidade brasileira.

experiência contemporânea, procuro mostrar também outras ações. Para isto, cito um pequeno grupo de mulheres habitantes de Criciúma, cidade situada no sul de Santa Catarina (BR), inserindo-as numa discussão teórica sobre termos relacionados ao fenômeno descrito, como: tradução cultural, emigração e a própria ideia de fronteira.

Em 1999, Criciúma ganhava destaque na imprensa nacional em reportagem que a apresentava como “a nova Governador Valadares” (Martes, 1999, p. 128-129). A notícia comparava a evasão de parcela considerável da população daquela cidade em direção aos Estados Unidos, já bastante conhecida no Brasil, à experiência vivida nos últimos anos em Criciúma. O número de criciumenses que se dirigia àquele país em busca de trabalho aumentou muito no começo do século XXI. Embora, sobretudo a partir da crise de 2008 (Beneduzi, 2012, p. 4-24), o movimento emigratório para os Estados Unidos tenha flagrantemente diminuído, em 2013, a cidade ainda é referência nacional em exportação de mão de obra para a América do Norte (Assis, 2003, p. 31-51).

O número de emigrantes criciumenses aumentou desde fins da década de 1980, mais consideravelmente na década de 1990. É virtualmente impossível, hoje (2013), precisar o número de migrantes criciumenses nos Estados Unidos. Em reportagem de um jornal local, pode-se encontrar a seguinte informação (referente a 2002): “25 mil pessoas da região carbonífera trabalham nos Estados Unidos” (Jornal da Manhã, 31 ago. 2002, p. 5.). Em entrevista concedida ao autor nessa cidade, em 6 de junho de 2002, Eduardo Mondardo, conhecido como Duda, proprietário de uma das maiores imobiliárias do município (Duda Imóveis), afirmou que “seguramente hoje existem mais de 30 mil criciumenses trabalhando nos Estados Unidos”. Por seu turno, Amilton Rocha, empresário do setor metalúrgico e, pelo que consegui levantar, um dos primeiros da região a viajar para os Estados Unidos, ainda em 1968, para realizar intercâmbio e também trabalhar, disse: “Acredito que mais de 20 mil criciumenses estejam atualmente nos Estados Unidos” (Entrevista a Amilton Rocha, realizada em Criciúma, no dia 21 de junho de 2000). Um estudo consistente realizado por Glaucia de Oliveira Assis indica que cerca de 3,2% da população criciumense emigrou para o referido país (Assis, 2003). O número é mais significativo quando cotejado com a média nacional das cidades, que é de apenas 1%. Isto leva a pensar que, dada a população de 200 mil habitantes em 2013, no mínimo seis mil pessoas da cidade de Criciúma estejam hoje (2013) trabalhando nos Estados Unidos. Estamos, então, falando de uma cultura da emigração nessa região do Sul do Brasil.

Essa diáspora, além das alterações nas vidas daqueles que nela se lançam, acaba promovendo também uma série de mudanças na cidade que fica. As motivações para a emigração são inúmeras, mesmo que quase sempre apresentadas de forma simples: busca pela sobrevivência, vantajosos (ou sonhados) alcances financeiros. Além disto, pode-se dizer que há uma inversão da antiga expressão do *“fazer a América”*, antes sonhada pelos imigrantes italianos que chegavam à cidade ainda no século XIX. O romper das fronteiras agora enuncia o *“fazer a América”* como obra de emigrantes, colocando-os, desta forma, na ordem do dia.

A emigração de criciumenses para os Estados Unidos e a Itália acentua-se na década de 1990. Pelo que se pode perceber, o fenômeno, com repercussões locais, em muito pouco se diferencia do processo de tantas outras migrações internacionais, especialmente quanto à formação de redes: legais ou ilegais. A ideia de rede social e cultural, já há algumas décadas, vem sendo estudada. Destaque merece Barnes, que inicia a análise a partir de processos e não da ideia fixa de comunidade, isto ainda na década de 1960 (Barnes, 1964). Em Criciúma, as redes que trazem e levam emigrantes se constroem a partir de necessidades básicas iniciais: obtenção de visto de entrada, arranjo de emprego e moradia, pretensão de ganhar dinheiro, ou, numa perspectiva mais ampla, necessidade de se sentir cidadão. A ideia de cidadania é sempre cogitada quando da explicação do crescente número de pessoas que se destinam à aventura da emigração, especialmente a não documentada (ilegal), pois, neste caso, o número maior de pessoas geralmente se constitui de mulheres e homens que, em suas cidades e países, quase sempre se encontram, em termos de pleno exercício da cidadania, em situação social prejudicada.

Os emigrantes criciumenses, atualmente (2013), têm colaborado de modo significativo para mudar a realidade social vivida de sua cidade. A especificidade local é flagrante: filas nas repartições de agências bancárias destinadas ao câmbio, anúncios publicitários distribuídos ao longo de ruas e avenidas da cidade oferecendo serviços de postagem, envio e recebimento de mercadorias e investimentos; crescimento do setor de serviços e notável explosão do setor imobiliário e da construção civil. Isto era maior ainda em 2000. Nesse ano, o *Jornal da Manhã* produziu uma série de reportagens sobre os emigrados, quase sempre procurando aproximar criciumenses emigrantes, e estabelecer vínculos entre seus familiares e amigos na cidade. Percebe-se, nestas matérias, como empresas diversas, especialmente do setor imobiliário, se integram ao fenômeno da emigração. Os exemplos colocados nos encartes dedicados à emigração são muitos, de acordo com o *Jornal da Manhã* (2000): *“Saudades à parte, morar nos Estados Unidos é sinônimo de investir em*

negócios aqui; "Imóvel: a melhor maneira de transformar dólares em bons negócios aqui; A realidade é azul e vermelho. O sonho é verde e amarelo" (19 de abril, p. 8, 11 e 18.). Em todas as matérias, consta o logotipo da imobiliária Duda Imóveis, uma das maiores e mais antigas da cidade, bem como da Construtora Fontana, uma sólida empresa do setor de construção civil, cujos proprietários são descendentes de italianos. O apoio midiático não se faz presente apenas na imprensa escrita: a Rádio Eldorado de Criciúma, a mais antiga do sul de Santa Catarina (criada em 1946), tem um programa semanal durante o qual, por uma hora, as pessoas conversam com seus familiares, mandam recados, entre outros contatos, sempre no italiano formal ou nos dialetos de Bérghamo e da região do Vêneto. Em 2003, entrou no ar, no sistema de TV por assinatura, em canal local, um programa semanal de uma hora de duração, produzido para os emigrados criciumenses nos Estados Unidos.

Ainda elucidando a cultura de emigração e seus desdobramentos socioculturais na Região Sul do Brasil, a fala de um dos líderes do mercado imobiliário em Criciúma é contundente e esclarecedora:

Em dados se pode dizer que mais de 30% do pipocar imobiliário da cidade hoje é fruto de poupança externa enviada por emigrantes que estão nos USA. Isto é certo. [...]. É um movimento que está apenas começando. É irreversível, contínuo e permanente. Certamente este é o movimento que vai ser o grande fator de sustentação do setor imobiliário [...] O volume de dinheiro que entra na cidade é bem maior que este que conversamos. Existem pessoas que os pais não possuem vídeo cassete, não têm telefone às vezes. A ajuda financeira que os emigrantes mandam para estas pessoas é grande. Planos de saúde, eletrodomésticos, etc. [...] Hoje eu diria que Criciúma é a cidade mais internacional do Brasil. Diferente de Valadares, tem criciumenses hoje na Alemanha, Itália, Portugal, Espanha, Inglaterra. A maior parte deles na faixa dos 18-35 anos. Estas pessoas não são gente do centro. É gente que não saía em coluna social. Pessoas do Pinheirinho, Próspera, Rio Maina, da periferia. Estas pessoas viram que não tinham muitas oportunidades aqui, de classe média baixa em sua maioria. Lá são bem-sucedidas. E aqui conquistam as colunas sociais (Entrevista a Eduardo Mondardo, realizada em Criciúma, no dia 06 de junho de 2002).

No depoimento de Eduardo Mondardo, que se apresentou como alguém que "viu Criciúma se transformar", há alguns dados realmente expressivos. De acordo com o entrevistado, em planilha enviada pelo sindicato dos imobiliários de Criciúma, em 1999 foi autorizada a construção de 90 mil metros quadrados de área na cidade, aumentando em 2000 para 130 mil; em 2001, para 200 mil; em

2002, para 400 mil. Isto gera um montante aproximado de 120 milhões de reais em quatro anos, numa média de 2,5 milhões de reais por mês que entram na cidade somente no setor imobiliário. Isto deve dar uma ideia do que vem acontecendo com a distribuição espacial da cidade. Comparada à economia carbonífera, que produzia cerca de 250 mil toneladas/mês na região, e que não tem mais nenhuma mineradora na cidade, pode-se afirmar que, do que o carvão gerava em toda a Região Sul, 30% se devia ao setor imobiliário apenas na cidade. Em área construída e em construção, Criciúma é ultrapassada apenas por Florianópolis e balneário Camboriú, ficando à frente de cidades como Blumenau e Joinville.

Nesta cultura emigracional, é certo que a maior parte dos emigrantes pensa em conquistar algum ganho financeiro e retornar à cidade. Mas também vem crescendo o número de pessoas que desejam morar em definitivo nos países para os quais migram, especialmente os Estados Unidos. Massachusetts é o estado americano preferido pelos criciumenses. Em Boston e imediações, eles acabam conseguindo trabalho e moradia. Em situação financeira mais confortável que seus parentes no Brasil, os emigrados enviam dinheiro para a cidade, promovendo o fenômeno da dolarização da economia. Mais que isto, como bem aponta Eduardo Mondardo, a maior parte dos emigrados se constitui de pessoas economicamente ativas, quase sempre ex-moradores da periferia de Criciúma, embora também esteja crescendo o número de pessoas de classe média alta e alta que estão emigrando em busca de “oportunidades”. Trata-se de pessoas inseridas nos interstícios da cultura, habitantes dos entre-lugares. Ainda neste sentido, e percebendo as negociações engendradas na cidade, é visível o desconforto que o fenômeno provoca junto à chamada “elite estabelecida”, que não reconhece mais boa parte das pessoas que agora frequentam as colunas sociais da cidade. Os exemplos são inúmeros. A experiência do casal Rocha, pais de João e Alfredo, autores da música citada na epígrafe deste texto, moradores do Bairro Pinheirinho (Jardim Angélica), é elucidativa. Além da situação mais confortável de que gozam agora, têm orgulho de ver os nomes de seus filhos saindo nos jornais da cidade, quando estes noticiam eventos nos quais a “band@.com” se apresenta nos Estados Unidos, quase sempre para a “comunidade” de brasileiros que lá se encontra. “Criciúma agora é de mais pessoas” (Entrevista realiza a Santos e Inácia Rocha, em Criciúma, no dia 27 de abril de 2001). Sobre isto, os indícios são muitos. Os depoimentos coletados por mim apontam para o fato de que, em 2005, a cidade tinha seus horizontes ampliados e o futuro aberto. O próprio Eduardo Mondardo, já citado, afina seu discurso com o do jornalista Adelor Lessa (muito renomado na cidade), que escrevia: “Houve um tempo em que esta cidade

pertencia a seis ou sete famílias. Hoje, felizmente, ela é de muito mais pessoas. A emigração colabora para isto” (Entrevista a Adelor Lessa, realizada em Criciúma, no dia 23 de junho de 2002).

Foi com a intenção de aproximar pessoas, gerar empregos e solidificar negócios que em 2002 o poder público municipal voltou suas atenções para os emigrados. Junto com um grupo de empresários, o então prefeito Décio Góes, autorizado pela Câmara de Vereadores, realizou uma visita de cinco dias aos criciumenses nos Estados Unidos. Naquela oportunidade, o prefeito almoçou em restaurantes brasileiros, visitou universidades, museus e igrejas e participou de um programa de rádio transmitido ao vivo. Também promoveu uma palestra para os brasileiros lá estabelecidos. Teve um encontro com a prefeita de *Somerville*, Dorothy Kelly Gay, e com o embaixador brasileiro, Maurício Côrtes. No encontro com a prefeita, ainda segundo o Jornal da Manhã, de Criciúma (2002), Décio Góes ouviu dela o desejo de conseguir os votos dos criciumenses para sua nova candidatura à prefeitura de *Somerville* (5 de setembro de 2002, p. 5). Em realidade, ela recebeu o prefeito criciumense junto com os empresários brasileiros expondo a eles, entre outros aspectos, a estrutura educacional americana e as vantagens econômicas que se poderiam alcançar nas negociações entre o Brasil e os EUA. A prefeita ainda tentou mostrar alguns laços que poderiam ser apertados entre ambas as cidades: Criciúma e *Somerville*. Já no encontro do prefeito criciumense Décio Góes com o embaixador Maurício Côrtes, ouviu dele uma explanação sobre o fenômeno da emigração brasileira, no qual Criciúma agora vem se inserindo, e manifestou interesse em auxiliar a execução do projeto que declarará Criciúma cidade co-irmã de *Somerville*, em razão do elevado número de cidadãos que para lá emigraram. Tal projeto já encontra semelhança com as ações dos descendentes de italianos em Criciúma e região na formação dos conhecidos *gemellaggi* (Savoldi, 1998), ação também sugerida pela prefeita de *Somerville*. Em realidade, o *gemellaggio* vem sendo uma das formas pelas quais os grupos formados por descendentes de italianos implementam aproximações com cidades reconhecidas como território inicial de seus familiares na Itália. Em Criciúma, a comunidade italiana é formada pelos descendentes de italianos *oriundi* de diferentes regiões da Itália. Neste caso, a ideia de comunidade para análise da formação de grupos que reivindicam o caráter étnico italiano e o alcance das benesses que isto possibilita está vinculada à realização de negócios, intercâmbios comerciais, industriais e culturais. A constituição destes grupos se dá num processo bastante intrincado de relações de forças e jogos políticos que nada tem de ingênuo, a começar pela própria formação dos grupos, diferenciada em sua origem (vênetos, bergamascos, trentinos, entre outros). Os primeiros incentivos do setor público

à criação de tais vínculos *-gemellaggi-* começaram partir do final da década de 1990 e foram retomados no início do século XXI².

Com relação à viagem em questão, o que em realidade predominou foi a ideia de mover negócios e pessoas para levar a Criciúma mais investimentos. Para isto, o prefeito manifestou interesse em abrir uma espécie de escritório representante de Criciúma na cidade de Somerville (Tribuna do Dia, 20 de agosto de 2002, p. 7). A ideia partiu do conhecimento que o prefeito teve de algo semelhante criado pela prefeitura de Governador Valadares (MG): “O escritório da prefeitura de Valadares oferece apoio, assistência (na medida do possível) e orientação”, disse o prefeito.

Por seu turno, a iniciativa privada também se faz presente de modo bastante dinâmico no estímulo à ação emigratória. São exemplo duas imobiliárias: Pró-Casa e Bem Morar, ambas estabelecidas na cidade de Somerville, nas proximidades de Boston. A Pró-Casa é de propriedade de Odenir de Souza, que também se integrou ao grupo que visitou os EUA junto com o prefeito. A Pró-Casa estabeleceu escritório em Somerville no ano 2000. Segundo o próprio Odenir, as oportunidades americanas eram muitas e ele não as poderia perder. Para dar legalidade à empresa, contratou um americano, que “está fazendo acontecer” (Entrevista a Odenir de Souza, realizada em Criciúma, no dia 14 de outubro de 2003). Antes do estabelecimento das empresas, já era prática comum enviar corretores aos Estados Unidos com a finalidade de vender imóveis aos emigrados. Há representantes do setor imobiliário que hoje (2013) residem em Boston, com o objetivo de, lá mesmo, efetuar suas vendas, havendo até mesmo lançamentos imobiliários em Criciúma exclusivos para emigrados atualmente residentes na região de Boston. A construtora Damiani, de Criciúma, lançou, em 2003, um empreendimento com o nome Somerville, hoje (2013), com dez anos de construção, totalmente habitado. Outro conjunto (só para concluir com a exemplificação), o do edifício Millenium, imponente obra construída pela Fontana Construtora no centro da cidade, teve suas últimas unidades negociadas nos Estados Unidos.

Atualmente, o reconhecimento da cidadania italiana, que, numa leitura mais rápida, poderia ser vista como simples tentativa de recuperação de sentimentos que se diluem mais e mais a cada dia, adquire novos sentidos. No caso específico dos descendentes de italianos, outros estímulos são vislumbrados, conectados a configurações mais amplas, transnacionais, como a carência de mão de obra na Itália, novidade que nos remete a uma discussão

² CRICIÚMA – Prefeitura Municipal. Legislativo Municipal. Lei Municipal n. 4.094, de 1º dez. 2000, assinada pelo prefeito Paulo Meller.

muito viva que acontece atualmente nesse país, trazida, por extensão, justamente para territórios onde, em outras épocas, se estabeleceram italianos. O Ministério *Degli Italiani All'Estero* não tem este dado preciso (de quantos italianos estariam fora da Itália e com direito a dupla cidadania), mas fornece estimativas que ultrapassam em muito a população da própria Itália. Contudo, italianos dos Estados Unidos ou Austrália, por exemplo, não parecem se interessar pela possibilidade de dupla cidadania, tampouco por um possível retorno à Itália (exceto em alguns casos de aposentadoria ou turismo). A tensão maior gira em torno do que se chama “Terceiro Mundo”, em países como Brasil, Argentina e outros da África, que atualmente mantêm um fluxo, apesar de em muitos casos ainda inicial (Argentina, por exemplo), mas com claros indícios de crescimento. Não menos importantes são as implicações políticas implícitas nesta configuração. Desde 1912, os italianos podem ter dupla cidadania. O voto também é possível desde então. Há algum tempo, veem-se organizando *comitês*, uma espécie de parlamento no exterior, destinados a reconhecer e cadastrar italianos dispersos pelo mundo. A partir destes *comitês*, os italianos, mesmo fora da Itália, poderão votar. Estes terão duas possibilidades de voto. Uma, optando pelo voto em candidatos residentes no exterior, ou mesmo em circunscrição italiana (Lei n. 459, de 27 de dezembro de 2001). Este voto ainda causa polêmica, por características diferentes das configuradas em 1912, pois elege representantes no exterior (aquele, elegia representantes apenas na Itália). A instituição destes *comitês* interessa diretamente à questão brasileira e, por extensão, aos descendentes de italianos dispersos em Santa Catarina, particularmente, neste caso, aos de Criciúma.

As forças políticas que se compõem a partir desta perspectiva são muito significativas. As alterações no âmbito político se dão, portanto, na Itália e no Brasil. Em entrevista concedida a Alexandre Luciano Nassuti (1998), o cônsul Mário Trampetti diz não ver problemas diretos, já que vota quem quer; além do mais, os *comitês* decidem sobre questões restritas. Já o vice-cônsul, Ezio Librizzi, estabelecido em Florianópolis, pensa, na linha de uma visão liberal clássica, que deveria votar apenas quem pagasse imposto e morasse na Itália. A opinião do vice-cônsul parece não ser a que prevalece hoje.

No aspecto local, o estímulo também é produzido pelas inúmeras associações étnicas criadas em Criciúma a partir de 1988, quando foi fundada a Associação Ítalo-Brasileira de Tradição e Cultura (AIBTC). A ata de constituição da dessa associação data de 4 de fevereiro de 1988, em reunião realizada na residência de João Abel Benedet, no Balneário Rincão, município de Içara, cidade vizinha de Criciúma. Hoje, a AIBTC serve de articuladora entre outras entidades criadas a partir dela e que tentam se aproximar da Itália segundo

uma regionalização muito bem marcada. O jornalista Nei Manique, 55 anos, vinculado a uma dessas associações, diz o seguinte:

Antes, no final dos anos 80 [1980], éramos todos parte da AIBTC. Com o tempo, investindo no resgate das nossas origens, passamos a compreender melhor o que era a Itália, uma imensa colcha de retalhos. O resgate a que me refiro nos endereçou ao torrão natal (Bergamo, Treviso, Padova, Belluno, etc.). Retornei da Itália no segundo semestre de 1990, com o firme propósito de reunir os descendentes bellunenses (*bellunesi*, em italiano); no ano seguinte fundamos a Associazione Bellunesi Nel Mondo, que existe até hoje e é presidida pelo empresário Clésio Pavei. Com a fundação das associações trevisana, bergamasca e bellunese, a AIBTC passou a desempenhar um papel de entidade-mãe, representando as demais nas relações com a prefeitura (Entrevista a Nei Manique, realizada em Criciúma no dia 26 de agosto de 2001).

Ao que tudo indica, o número destas associações tende a crescer. Siglas e datas de criação em Criciúma, respectivamente: Associazione Veneta – 1990; Associazione Trevisani nel Mondo – 1991; Associazione Bellunesi nel Mondo – 1991; Fescaib – Federazione Sud Catarinense dele Associazioni Italiane - 1991; Società dei Discendenti dela Famiglia Maccarini - 1993; Circolo Bergamasco di Santa Catarina – 1993; Ceclisc - 1996; Associazione Amici di Forno di Zoldo – 1996.

A etnização cultural, neste sentido, tem uma forma muito mais aberta e atende a um número maior de interesses. Não parece gratuito que uma das estudiosas sobre processos de emigração para os Estados Unidos tenha falado, inclusive, em “etnia brasileira”, com participação na construção étnica da sociedade americana (Reis; Sales, 1999, p. 17-44).

Além do aspecto do enraizamento cultural e da constante busca pelas origens, abre outras discussões, como o reconhecimento da dupla cidadania. Sobre isto, é crescente na cidade o número de descendentes de italianos que, uma vez tendo conquistado o passaporte *rosso*, se dirige para os Estados Unidos e não para a Itália. É o caso de Edson Zanette, quando afirma: “(Seu) acesso aos USA é facilitado pelo passaporte italiano (Jornal da Manhã, 14 de abril de 2000, p. 5)”. É evidente que na ação descrita continua relevante a ideia de nação. Aquilo que Ernest Renan (1947) chamou de plebiscito diário, e ao qual se teria sempre que retornar, tem implicações objetivas (certamente a marca divisória que separa países), bem como as subjetividades dos grupos que as constroem. Homi K. Bhabha (1998, p. 225) interroga: “O desejo de ser nação circula na mesma temporalidade que o desejo do plebiscito diário?”

Frente ao exposto, fica evidente que investimentos de variadas formas, em diferentes dimensões do sociocultural (etnicidade, formações identitárias, negócios, intercâmbios, entre outros), alimentam e estimulam a cultura emigrante. Nesta dimensão, voltando ao trânsito de pessoas e também à necessidade de atravessar fronteiras, é interessante perceber que, mesmo um grupo visto como bem-estabelecido, a exemplo daquele formado pelos descendentes de italianos, busca agora novos caminhos.

Ao se falar em diferenças, é oportuno assinalar que, embora não se possam listar, é possível verificar como se realizam investimentos e como se estimula a cultura emigracional. Para isso contribui o aumento considerável do desejo de se aventurar nos fluxos contemporâneos. Para aqueles a quem falta capital social para, de modo legal, entrar nos Estados Unidos, sobram dobras do real para o alcance da *pretendida* (Bhabha, 1998, p. 292-296), alusão à “Fronteira”, expressão utilizada por Marlow para mascarar a face cruel, e mesmo demoníaca, da fronteira. É crescente o número de agências de turismo. Os dados por elas fornecidos estão desorganizados e elas nem mesmo possuem qualquer tipo de associação. Na Junta Comercial de Criciúma, o número de agências com autorização era bem menor que o encontrado na cidade, constante inclusive do catálogo telefônico (27 no do ano de 2003). É necessário lembrar que algumas dessas empresas são, na verdade, fachadas de recrutamento de pessoas para trabalho não documentado (ilegal) nos Estados Unidos. Infelizmente, não consegui conversar com pessoas que assumissem ou fornecessem informações a respeito, a exemplo das escolas de inglês e italiano (quase sempre subvencionadas pelas entidades já citadas e com apoio da prefeitura), bem como a neologia lingüística – visível na fala das pessoas em termos como *parkear* (*to park*), e *bisado* (*busy*) – e ainda corporal – no modo de andar, se expressar e mesmo de vestir.

Afora toda a inegável influência da cultura americana hoje no mundo, através do cinema, da música, do consumo e outros, é possível enxergar como as “agências” agem junto aos criciumenses. O setor de serviços parece ser o mais afetado. No comércio local, inicia-se um processo de reformulação e atendimento trazidos pelos ex-emigrados, agora de volta a Criciúma. As pizzarias da cidade são exemplo disto. Entre os habitantes, a opinião é que, por certo, sua multiplicação está relacionada à emergência do novo e de como ele entra na cidade.

Em conversas que tive com pessoas ligadas às escolas de inglês e às agências de turismo destaquei duas: Mirces Carminati, sócia-proprietária de uma escola de inglês, e Rosimari Lima Nunes, funcionária da agência de turismo Ferrotur (Entrevistas realizadas em Criciúma no dia 15 de julho de 2002). As

conversas revelaram como são vistos e tratados os que, de modo desesperado, solicitam informações ou tentam “arranjar um jeito né?” de alcançar a *pretendida*. Lembrando Homi K. Bhabha - “O que fazer neste mundo se ao mesmo tempo que sou uma solução, também sou um problema”? (1998, p. 124) -, as experiências relatadas até aqui e colocadas em espaços não mapeados da paisagem urbana (Guatarri, 1996. p. 293-300). bem elucidam o drama de atravessar fronteiras no mundo contemporâneo. Chegamos ao momento em que se atinge a fronteira, exatamente como o mostra a imagem (Fig. 1).

Quiasmas contemporâneos: fronteira e tradução

Fronteira é área de litígio. Espaço praticado do desequilíbrio. O desafio é este: perceber o quanto e quem vive neste lugar instável, instância primeira e última do entre-lugar. Em 2002, Roberto Carminati, cineasta nascido em Criciúma, cujo pai ainda na década de 1960 emigrara para os Estados Unidos na intenção de “fazer a América”, tentara, literalmente e de forma dramática, dar vazão a estas ideias. O filme, cuidadosamente elaborado por Carminati, e rodado no Brasil, México e Estados Unidos, com uma produção de baixo custo, aborda o drama de brasileiras e brasileiros que tentam atravessar, furar, de forma não documentada, ou seja, clandestina, em busca de outra perspectiva de vida. O resultado de dois anos de trabalho do cineasta, que hoje (2015) tem 42 anos de idade, foi lançado simultaneamente em Boston e Criciúma no dia 7 de Setembro de 2002, dentro dos limites impostos pelas cercas e divisórias que delineavam o lugar em que se realizava a XIV Quermesse: Tradição e Cultura, naquele momento já reconhecida como festa das etnias.



Fig. 1 – A fronteira, imagem extraída do cartaz de divulgação do filme *A fronteira*, de Roberto Carminati.

A agonia e a incerteza de Roberto estavam ligadas à forma ainda inacabada do filme, pois a trilha sonora não estava pronta e o som inconcluído. Uma de suas maiores preocupações parecia ser fazer-se entender pela plateia do filme. Afinal, muitos diálogos eram realizados em espanhol e inglês, dispensada a legenda para o primeiro. A intenção, como o próprio havia comentado antes da exibição, era perceber como as pessoas de Criciúma, que naquele momento se encontravam dentro do teatro municipal, enquanto a festa rolava no seu entorno, traduziriam a narrativa sobre “fronteira” que ele havia preparado.

Maurício é o homem que consegue atravessar a fronteira. Também será aquele que, tomado pela sorte, “mas com muito trabalho, irá alcançar o sucesso”. Em realidade, o filme é bastante didático. Estão quase todos ali: o coioote, de nome Lupe; a mulher que, junto com o filho pequeno, se lança à travessia da *pretendida*; o sopro pela vida; o marido provedor e preocupado com a família; o adolescente problemático; os empresários que vivem da venda de sonhos e do pagamento de misérias; o estupro marcando feridas no corpo e na alma; a jornada de trabalho de até 18 horas; e muito mais, nas redes formadas e que colaboram para o que Enzensberger (1995, p. 111) chamou de “bulimia demográfica”, expressão utilizada para designar o processo de recebimento e deportação de mão de obra nos países vistos como potências, a exemplo dos Estados Unidos. Diria a funcionária de uma agência de turismo de Criciúma: “Os americanos reclamam, mas se a mão de obra que está lá vier embora, eles quebram” (Entrevista a Rosimari Lima Nunes, realizada em Criciúma no dia 15 de julho de 2002).

De que nos adiantaria um mapa? Somente o filme já seria suficiente para mostrar o que estava acontecendo. Provisoriamente, ninguém se lançaria à aventura da emigração se não esperasse melhorar de vida. Contudo, o filme faz enunciações que não estão coladas a lugares. Com perícia, mostra as motivações que fazem brasileiros encarar a aventura de ir para os Estados Unidos. A fronteira emblemática do Estado-Nação está ali, viva e presente, desafio maior para aqueles que desejam furar o limite seco mais vigiado do mundo, o panóptico pós-moderno. Overdose de cenas e ritmos acelerados condizem com o fenômeno da imigração ilegal. Os limiares são menos estáveis. Devido a isto, ganha força o *nem-lá-nem-cá*. Na narrativa de Roberto, estão presentes a incerteza entre o verde das notas e o verde dos campos do interior de Santa Catarina; um tribunal da migração americana a decidir quem fica e quem volta; uma narrativa anômala de situações possíveis: quiasmas do contemporâneo. Há outros limiares e também limites, mas já não são filmes de Carminati.

As furadoras

No depoimento comovente que me concedeu aquela jovem mulher, o cenário descrito em muito se aproxima da foto-montagem de Roberto Carminati na divulgação de “A Fronteira” (Entrevista a Silvana Aparecida Moisés Cechinel, realizada em Criciúma no dia 13 de julho de 2002). O leitor atento pode perceber. Estão ali a cerca de arame, o asfalto, o céu de um nebuloso azul, o deserto e, do outro lado, a imponência da cidade, o alcance do sonho vermelho e azul, ao lado da realidade verde e amarela. Silvana Aparecida Moisés Cechinel, esta é a mulher que não está no filme de Roberto, fez o seu, o inscreveu em seu corpo.

Segundo Silvana, tudo ia bem em Criciúma para a sua família até a falência do setor carbonífero, ainda em 1989. Para a jovem, que se lançou ao alcance da *pretendida*, o carvão era a grande força da cidade de pedras. Hoje, como a própria diz, “a cidade está mais bonita e moderna, a paisagem mudou”. Com o desemprego gerado pelo setor carbonífero, o irmão e o marido buscaram outras formas de viver. Primeiro, foi o irmão. Em 1994, Carlos Alberto Moisés foi para os Estados Unidos, voltando três anos depois. Em 2002, foi presidente da Cooperativa de Transportes de Vãs em Criciúma, atividade iniciada em 1999. Enquanto isto, Silvana e o marido trabalhavam numa agência de transportes aéreos no aeroporto Diomício Freitas, ironicamente o nome de uma das referências do mundo carbonífero em Criciúma. O Aeroporto Municipal Diomício Freitas se encontra, de fato, no município de Forquilha, distrito emancipado de Criciúma em 1989. Diomício Freitas foi um dos grandes empresários do setor carbonífero na cidade, falecido em 1981. “Trabalhávamos também no ponto de táxi do aeroporto. Dormíamos quatro horas por dia apenas. Mais ou menos como fazem alguns dos emigrados cricumenses nos Estados Unidos” (Entrevista a Silvana Aparecida Moisés Cechinel, realizada em Criciúma no dia 13 de julho de 2002). A empresa faliu e eles ficaram desempregados. Tentaram outras atividades. Um salão de beleza e uma loja de autopeças foram algumas delas. Não tiveram êxito. O marido tinha um irmão nos Estados Unidos. Chegou o desejo. “Casamos no civil e pedimos visto de entrada para passar a lua de mel nos Estados Unidos” (Entrevista a Silvana Aparecida Moisés Cechinel, realizada em Criciúma no dia 13 de julho de 2002). Visto negado. Antes de 1999, era mais fácil conseguir visto de entrada para cricumenses nos Estados Unidos. Hoje (2013), é quase impraticável. A cidade entrou na lista de cidade de emigrantes nos consulados americanos, a exemplo de outras, como Governador Valadares (MG) e Cascavel (PR).

O marido decidiu ir primeiro, e sozinho. Silvana tinha um primo que era

coiote nos EUA, feito o Lupe da narrativa de Roberto Carminati. Morava em Boston, mas agenciava pessoas na fronteira do México com os Estados Unidos. “Meu primo diz que a profissão é arriscada, mas dá muito dinheiro” (Entrevista a Silvana Aparecida Moisés Cechinel, realizada em Criciúma no dia 13 de julho de 2002). O marido atravessa a fronteira numa bóia, destas de caminhão, com que se costumava brincar nos rios e mares no Brasil. A bóia é enchida com o ar de seus pulmões, o sopro da vida. Passa dois dias acampado num barraco, alimentando-se literalmente de pão e água, junto com pessoas de muitas outras nacionalidades. Consegue chegar a Houston, e de lá vai para Boston. Começa a trabalhar. Despesas desta “confortável viagem”: cinco mil dólares.

É hora de Silvana viajar. Não vai sozinha. Estão na empreitada, além dela, sua filha de 14 anos e o filho, de sete. Sua cunhada, da mesma idade que Silvana, mais a filha, de seis anos. Uma amiga de Silvana, e uma filha de 12 anos. Três adultas, quatro crianças. São recebidas em São Paulo por uma agência de viagens. Da capital paulista seguem para a Cidade do México. Ficam uma noite e um dia num hotel da capital mexicana. O medo da chegada no aeroporto já havia passado. Recebem a determinação do coiote. Viajam para Reynosa, cidadezinha na fronteira com os Estados Unidos, de ônibus, em mais de 15 horas de deslocamento. Passam por 12 postos de averiguação migracional em território mexicano. São 13, no total, até Reynosa. Na última delas, um problema. A cunhada de Silvana, loira, despertou a atenção dos homens da migração mexicana. São retiradas do ônibus.

Deslocadas em duas viaturas, inquiridas a respeito da razão de estarem ali, disseram que passeavam por Reynosa. Na polifonia mexicana, entendiam na pele o sentido da música de Mano Chao (1999): *“Solo voy con mi pena, sola va mi condena, correr es mi destino para bular la ley, perdido en corazón de la grande babylon, me dicen el clandestino por no llevar papel”*. “Não se faz turismo aqui em Reynosa”, disse o policial. “Nem poderia. Quem desejaria fazer turismo naquele lugar? Cidade seca, deserta, areia preto-avermelhada, boca seca sempre”, pensou, mas não disse ao policial, somente a mim. Faz parte do jogo da tradução o interdito de significado, que nos leva a alguma compreensão. Não teve acordo. Foram levadas para uma repartição da imigração. “Tentaram nos colocar numa cela. Eu disse: aí não entro. Não matei, não roubei”. Silvana consegue uma sala maior. Ficam ali um dia inteiro. São alimentadas e bem tratadas. No início da noite, a sentença: terão de voltar à Cidade do México.

A viagem de volta foi “diferente”, para usar a expressão de Silvana. “Disseram que íamos de caminhão. Eu falei que de caminhão não iria. Depois descobri que caminhão era a palavra usada para ônibus”. A tradução é sempre algo incompleto, mas que instala sentidos. Entram num ônibus no início da

noite. Os passageiros eram todos homens: nicaraguenses, hondurenhos, salvadorenhos. “Uma das meninas quis ir ao banheiro. No caminho, um dos passageiros tentou se insinuar a ela. Comunicamos ao policial. Após ameaça de algemas em todos, a coisa ficou tranquila”. Nem tanto; as coisas podem ficar muito mais “diferentes” ainda.

A certa altura da viagem, serviram comida. Algo que geralmente não precisa ser traduzido. Claro que, por vezes, nos apresentam pratos que nos fazem perguntar: “O que é isto?” Mas aquele definitivamente não era o caso. O policial distribuiu um saco plástico a cada uma das pessoas do ônibus, incluindo as crianças. Dentro de cada saco, havia um frango inteiro, assado. Este é, para mim, o ponto de inflexão, o que em outra concepção historiográfica seria chamado de “tomada de consciência”. “Comecei a rir. E ria muito”, disse Silvana. “O policial não entendia o meu riso”. Começou a fazer mímica. Dizia: “*Es Pollo! EsPollo!*” Balançava os braços e fazia: “*Co-Có-Có*”. “Eu olhava para aquela galinha, com a ‘bunda’ virada para mim, e continuava rindo. Lógico que eu sabia que aquilo era uma galinha, mesmo não sabendo o que era *pollo*”.

Como traduzir para ambos, Silvana e o policial, as referências implicadas naquele jogo? Como articular os desejos postos nestes entre-lugares? O oficial mexicano, desejando e pondo fronteira; e Silvana, ansiosamente desejando atravessá-la. Ambos imersos numa cultura chamada ocidental (e também latino-americana), em que parece, por vezes, se esperar do outro uma atitude prescrita. O policial, esperando uma atitude prescrita daqueles que sempre atravessam a fronteira — caso de Silvana — e a brasileira, esperando do policial a desejada cessão. No seu depoimento, Silvana disse que “se nós tivéssemos dado propina ao policial, ele nos liberaria”. Edward W. Said, ao falar da visão preconcebida do que o Ocidente elabora sobre o Oriente, insinua um raciocínio semelhante. Diz Said:

Deixamos de considerar as coisas como completamente insólitas ou completamente conhecidas; emerge uma nova categoria média, uma categoria que nos permite ver coisas, coisas vistas pela primeira vez, como versões de algo conhecido anteriormente (Said, 1990, p. 69).

Ainda sobre esta “atitude média”, Bhabha, ao fazer uma crítica ao racismo, com base também na atitude média, diria: “Desta forma nós sempre sabemos de antemão que os negros são licenciosos e os asiáticos, dissimulados” (1998, p. 117). Essa ideia, acredito, vem sendo criticada com propriedade, como vimos. De modo antecipado e num sentido diverso, é colocada na literatura, no que, em “atitude média”, se chama de licença poética. Fernando Pessoa, como Alberto Caeiro (1987), é o falador:

[...] é preciso não ter filosofia nenhuma.
Com filosofia não há árvores: há ideias apenas.
Há cada um de nós como uma cave.
Há uma janela fechada, e todo mundo lá fora;
e um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse,
que nunca é o que se vê
quando se abre a janela.

Este é, ironicamente, o momento, ou mesmo o movimento desintegrador da enunciação colocada, a que Homi K. Bhabha chama de disjunção repentina do presente, que “torna possível a expressão do alcance global da cultura” (1998, p. 298). A cultura colocada como estratégia de sobrevivência é tanto transnacional como tradutória. Ainda seguindo Bhabha:

Transnacional porque os discursos pós-coloniais contemporâneos estão enraizados em histórias específicas de deslocamento cultural [...] tradutória porque estas histórias espaciais de deslocamentos – agora acompanhadas, as ambições territoriais das tecnologias “globais” de mídia – tornam a questão de como a cultura significa, ou o que é significado por cultura, um assunto bastante complexo (Bhabha, 1998, p. 241).

Mulheres desterritorializadas, nômades, inseridas no discurso dos fluxos contemporâneos: esta cesura nos territórios parece ser a forma narrativa de se falar e viver o contemporâneo. Também vejo como um auxílio a resposta à pergunta: “Que estamos ajudando a fazer de nós mesmos?”, a partir das reflexões de diferentes filósofos contemporâneos que colaboram com a História e suas narrativas, a exemplo de Foucault e Deleuze. Paradoxalmente, é apenas através de uma “estrutura de cisão e deslocamento - o descentramento fragmentado e esquizofrênico do eu — que a arquitetura do novo sujeito histórico emerge [...] (Rago; Orlandi; Veiga Neto, 2002, p. 298)”. A narrativa de Silvana, próxima e mais viva que a de Roberto em “A Fronteira”, fornece significado às passagens intersticiais e às diferenças culturais inscritas no entre-lugar, e na própria dissolução temporal que constrói o texto global.

As ambiguidades estão presentes na narrativa de Silvana. O discurso pós-colonialista contemporâneo se constrói desta forma. A mímica é aquilo que faz com que nos apropriemos e imitemos algo – a fala pós-colonialista das metrópoles, por exemplo – mas que, ao fazê-lo, o resultado nunca será igual ao primeiro. Este é o sentido positivo do hibridismo e talvez a maior contribuição política que dele se possa fazer. Uma legítima forma de resistência. Não a

resistência demagógica e meramente retórica, mas uma resistência acionadora, a exemplo da utilizada pelo policial, e também vivida por Silvana, que impele a compreensão deste sentido fugidio e doloroso da experiência contemporânea. A ambivalência da mímica: o frango, quase exatamente o mesmo, mas ainda diferente. Isto não apenas rompe a fixidez, instalando a incerteza, mas também faz presente uma forma de inserção no mundo sempre parcial, em que pese a tentativa estável e homogeneizadora. Segundo Marc Augé,

já não são mais os Estados Unidos ou a Europa que estão em questão, mas a contemporaneidade como tal, sob aspectos mais agressivos ou mais desarmônicos da atualidade mais atual (Augé, 1994, p. 17).

Ainda neste sentido, o discurso colonial pode de fato ser um falso dilema, como diz Stuart Hall: “Isto porque existe outra possibilidade: a da Tradução (1998, p. 69). Hall privilegia a abordagem da tradução, pois esta permite o fluxo e o trânsito, enquanto a tradição insiste em falar de um *continuum*. Claro que toda tradução é sempre inexata, e até deformante, mas é ela que permite a comunicação e o entendimento.

Finalizando

Falamos de fronteiras. Gostaria de assinalar brevemente duas dimensões já destacadas: os limites e os limiars. Há muito se vem discutindo a ideia de fronteira enquanto limite e limiar. O caso de Silvana bem pode continuar explicitando isto. Em outra fala, na mesma entrevista, ela informou que aguardava o reconhecimento da dupla cidadania do marido, criciumense, descendente de italianos, para ter facilitado seu acesso aos Estados Unidos. Falou também que, já que “este negócio de etnias tá em moda, veja só a Festa das Etnias (realizada anualmente desde 1989 em Criciúma), quero aproveitar. Antes, nem ouvia ou sabia o que era isto” (Entrevista a Silvana Aparecida Moisés Cechinel, realizada em Criciúma no dia 13 de julho de 2002). Agora ela consegue traduzir. Para ela, o sentido étnico é prático e real. Esta é uma compreensão de fronteira enquanto limite, e, mesmo neste sentido, para além da ideia clássica de Estado-Nação ou de uma “comunidade política e imaginada – e imaginada como implicitamente limitada e soberana” na hoje já bastante surrada expressão de Benedict Anderson (1989, p. 14): “Estão ali os entre-lugares”. Engana-se quem pensa que os entre-lugares são expressões apenas dos limiars. Os limites se fazem neles presentes também. Na junção do possível, limite e limiar estão vivos e presentes no jogo híbrido. Territórios deslocados, que se constituem a partir de sentidos deslizantes.

Concluindo a visibilidade da experiência de Silvana e suas companheiras, convém informar que, após a viagem e chegando à capital mexicana, as mulheres foram novamente encaminhadas à detenção nacional de emigrantes no México. Lá ficaram presas por 22 dias; após intervenção de advogados, do consulado brasileiro e até mesmo da Anistia Internacional, foram deportadas pelo governo mexicano. Chegando de volta ao Brasil, uma delas, amiga de Silvana, voltou imediatamente ao México, mantendo contato com outro coite, fazendo novamente o mesmo trajeto. Desta vez, conseguiu atravessar. Quanto a Silvana, quatro meses após me haver concedido a entrevista, conseguiu finalmente entrar nos Estados Unidos, de modo “diferente”. Obteve visto e entrou legalmente naquele país. Atualmente (2013) vive com a família nos Estados Unidos em situação documentada.

Finalmente, território, sendo “etimologicamente instável, deriva tanto de terra como de *terrere* (amedrontar), de onde *territorium*, “um lugar do qual as pessoas são expulsas pelo medo” (Bhabha, 1998, p. 117). Para Criciúma, muitos medos estão presentes na constituição de seus territórios: o desemprego; o fim do carvão (ou, no mínimo, o deslocamento de seu sentido); a crescente etnização e, para os emigrados, o apavorante medo de atravessar a fronteira ou, ainda, da própria expulsão. Apurando os sentidos, é possível enxergar estes medos no ato de atravessar a fronteira, como entre as mulheres aqui citadas, a exemplo de Silvana e suas companheiras, ao tentarem furar a *Pretendida*.

Bibliografia

- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*, tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo, Ática, 1989.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira. *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros*, Tese de Doutorado em Antropologia. Unicamp, Campinas, 2004.
- _____. "De Criciúma para o mundo: gênero, família e migração", *Revista Campos de Antropologia Social*, Edição Especial n. 3, Curitiba, UFPR, 2003.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*, Tradução de Maria Lucia Pereira. Campinas, Papirus, 1994.
- BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*, tradução de Myriam Avila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte, UFMG, 1998.
- BARNES, John. "Class and Committees in a Norwegian Island Parish", *Human Relations*, n. 7, 1964.

- BENEDUZI, Luís Fernando. "Imigração em tempos de crise internacional: nova percepção sobre o brasileiro no exterior", *Mouseion* (UniLasalle), v. 12, 2012. (pp. 4-24).
- CRICIÚMA – Prefeitura Municipal. Legislativo Municipal. Lei Municipaln. 4.094, de 1º dez. 2000, assinada peloprefeito Paulo Meller.
- ENZENSBERGER, Hans Magnus. "A Grande Migração: trinta e três letreiros de sinalização – seguidos de uma nota a respeito de 'certas peculiaridades da caçada humana'", in *Guerra Civil*, São Paulo, Cia. das Letras, 1995.
- GUATARRI, Felix. "A restauração da paisagem urbana", tradução de Silvana Rubino, *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 24. Brasília, IPHAN, 1996. (pp. 293-300).
- HALL, Stuart. "Fundamentalismo, Diáspora e Hibridismo", in *A questão da identidade cultural*, Tradução de Antonio Augusto Arantes. Campinas, Unicamp, 1998.
- JORNAL DA MANHÃ, Criciúma, 2000; 2002.
- MANO, Chao. *Clandestino*, Virgin Records, 1999.
- MARTE, Ana Cristina Braga. *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*, São Paulo, Paz e Terra, 1999.
- NASSUTI, Alexandre Luciano. *Um trampolim para a Itália: a busca da dupla cidadania pelos descendentes de italianos em Florianópolis*, trabalho de conclusão de curso, Udesc, Florianópolis, 2003.
- PESSOA, Fernando. *Obras em Prosa*, Lisboa, publicações Europa-América, 1987.
- RAGO, Margareth - Luiz B. Lacerda ORLANDI - Alfredo VEIGA NETO (Orgs.). *Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzscheanas*, Rio de Janeiro, DP&A, 2002.
- REIS, Rossana Rocha - Teresa SALES. *Cenas do Brasil Migrante*, São Paulo, Boitempo, 1999.
- SAID, E. W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, tradução de Tomás Rosa Bueno, São Paulo, Cia. das Letras, 1990.
- SAVOLDI, Adiles. *O caminho inverso: a trajetória de descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania*, dissertação de mestrado, UFSC, Florianópolis, 1998.
- TRIBUNA DO DIA, Criciúma, 20 ago. 2002.

Emerson César de Campos é Professor Associado junto ao Departamento e ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Atualmente (2015), ocupa o cargo de Diretor Geral do Centro de Ciências Humanas e da Educação (Faed /Udesc). Tem experiência na área de História, com ênfase História Cultural, atuando principalmente nos seguintes

temas: Migrações, Cidade, História Cultural, Teoria da História e imagens e expressões gráficas como fontes à História.

Contato: ecdcampos@yahoo.com.br

Recebido: 30/05/2014

Aceito: 11/10/2014